

## A mochileira

---

Desde criança achavam graça da minha mochila que eu arrastava para a pré escola, com 3, talvez 4 anos.

Em casa, eu tinha a mania de guardar minhas coisinhas dentro de duas mochilinhas. As bonequinhas não; eu alegava que elas sufocariam.

Pedi para meu tio (grande tio-faz-tudo) que adaptasse uma mochila na garupa da minha bicicleta. Eu achava aquilo o máximo! E voava com a bicicleta para todos os cantos. Era imbatível; ninguém tinha igual!

Quando ia passar as férias na casa dos meus avós, minha inseparável mochila (já velha e desbotada) fazia parte do uniforme.

Eu sempre ganhava mochilas novas, diferentes e bonitas, mas não queria descartar as velhas. Doar? Impossível, estavam costuradas, ou riscadas, ou faltava qualquer coisa, (talvez sujinhas...) e iam ficando a um canto qualquer na garagem.

Mais tarde estudei em escola militar: Olha a mochila aí novamente! Dessa vez era uma de cor verde, bonita, feita de lona. Impunha respeito.

Foi nessa época que ganhei o apelido de “tartaruga”. Lógico, por estar sempre junto da minha casa/mochila; por outro motivo não. Eu sempre fui agitada, característica da minha raça zodiacal: Sagitariana.

Fui bandeirante durante alguns anos, e acampeei muito (parei por falta de tempo. Estava envolvida com outras atividades). Nessa fase a mochila era “profissional”, daquelas grandes, com inúmeros bolsinhos – por fora e por dentro.

Não preciso dizer que durante boa parte da adolescência ela foi minha companheira inseparável (aquela coisa de dormir na casa de amigas, pequenos programas... tudo o que eu precisava estava lá dentro).

Admirava meu irmão mais velho que atuou durante dez meses no Projeto Rondon, viajando e ajudando pelo Brasil afora. Pena que o Projeto foi extinto quando eu tinha 15 anos. Não esperou por mim... Um dia voltará!

O breve curso de teatro foi fantástico (me soltei mais ainda, agora totalmente extrovertida, porém sempre esperta, sempre alerta!). Mochila nas costas: livros, garrafa d'água, lanchinho, fone de ouvido, *nécessaire*, roupas, tênis velho, boné e acessórios para os ensaios, e máquina fotográfica profissional. Bons tempos!

Pensei em ser arqueóloga, geógrafa, paisagista, ativista do “Green peace”, mas isso no Brasil não ia dar muito certo... Resolvi estudar jornalismo. Entrei de primeira! Logo vieram as viagens, mais viagens, e viagens exóticas, e viagens internacionais. Mochila nelas! Pra levar e trazer coisas. Que saudade mortal!

Numa dessas, fui parar na Somália! Com mochila e tudo. Fiquei estarecida com a miséria e sofrimento que vi naquele país, na Etiópia, e até mesmo no Kenya; principalmente quando envolvia crianças. A essa época eu tinha um dinheiro guardado, esperando mudar para outro apartamento maior (onde eu pudesse fazer mais bagunça e guardar um monte de tralhas). Abortei o plano. Continuei morando no apartamentinho, poupei o dinheiro e, ... fui estudar Medicina!

O jornalismo investigativo sempre esteve em minhas veias, mas descobri que Medicina seria minha verdadeira vocação (de momento?).

Me banquei durante 7 anos, vivendo de algumas atividades “free lancer” que o meu inglês/italiano e experiências do jornalismo proporcionavam. Fazer outro curso na USP solidificou minha posição na vida. Dedicção total (quase...)

Pensei até em estudar na Inglaterra, mas resolvi ficar aqui mesmo. São Paulo havia se tornado um vício. É fácil se acostumar ao veneno...

Outra vez universitária, e curso com livros pesados: Mochila como solução. Acreditem: encontrei uma mochila vermelha, com desenhos de ossos. Usei-a até encontrar outra mais ousada. Tenho saudades daqueles tempos loucos. Correria.

O objetivo após a conclusão do curso seria me alistar na organização “Médicos sem Fronteiras” e voltar para a África. Eu sonhava com isso!

Minha mãe não via com bons olhos as minhas extravagâncias, queria um casamento, netos e vida mansa para sua filha caçula. Em contrapartida, meu pai era (e felizmente ainda é) puro incentivo. Contava para todos os amigos as minhas estripulias, e quando me formei, entre outras coisas, ganhei dele uma mochila especial para médicos, importada dos Estados Unidos, contendo todos os aparatos de primeiros socorros que médicos de primeira viagem necessitavam. Guardo até hoje essa raridade. Desfilei pelos 5 continentes com ela. Meu tesouro maior!

Médicos sem fronteiras, médicos sem fronteiras... isso não saía da minha cabeça. Projetos, testes, entrevistas... um dia fui selecionada. Que maravilha !

E foi o que fiz, aos 30 anos. Mochila nas costas e tudo o mais, só que agora eram duas mochilas, sendo uma, daquelas bem grandes, diferente, parecendo mais uma barraca de camping. (Sabem de onde ela veio? Do Himalaia..)

E lá fomos nós. Mas não fomos nós. Um hospital ambulante. Lembrei do seriado MASH. (*Mobile Army Surgical Hospital - Hospital cirúrgico do exército móvel*), do qual meu tio sempre comentava.

Duros anos; lindos anos; dei uma boa volta pelo planeta! E quando a necessidade de criar raízes começou a falar mais alto, resolvi dar um tempo de tudo (menos das mochilas, é lógico). Meu doutorado na Sorbonne consumiu muito da minha atualidade, mas vamos levando...

Terminei meu terceiro livro esse ano: uma coletânea de fotojornalismo médico intercontinental (Os sucessos de campo - e graças a Deus foram muitos...).

Fui parar na França, lá em cima, La Rochelle, à beira mar, onde meu amigo-médico-marido-pai da minha filha e velejador me conheceu. Nunca mais nos separamos. Eu pediatra, e o Marcel cirurgião geral (mochileiro também).

Tento arrastá-lo de vez para o Brasil; quem sabe para morarmos na Amazônia e continuarmos nossa vidinha por aí, sempre atrás de desafios, (lecionar?) descobertas, beneficências, e agora, com a responsabilidade de educar a *Gabrielle* (e o *Thierry*, a caminho). E adivinhem... ela já é mochileira assumida! Não sei se por causa das minhas, ou por causa das que o pai (*mon papa, mon amour!*), carrega na Harley-Davidson vermelha!

A cor mais linda que existe.

Cor de sangue, cor de médicos, cor do fogo, cor da paixão, cor das flores, cor de frutas, cor da alegria, cor do amanhecer (Auroras magníficas!), cor do Pôr-do-Sol, cor da África, cor de pássaros, cor do barco, do carro e da Harley, cor das bochechas sempre rosadas da “tartaruginha”, cor do mundo, cor da vida...

*Nelson Di Francesco – fevereiro, 2013*